

LINGUAGEM, AFASIA, (A)PRAXIA: UMA PERSPECTIVA NEUROLINGÜÍSTICA ¹

Cláudia Helena Cerqueira MÁRMORA

RESUMO *A Neurolingüística baseada em uma concepção enunciativo-discursiva da linguagem constitui-se atualmente como um amplo campo de investigação na área de pesquisas da cognição, incluindo a Fisioterapia.*

Neste trabalho, faz-se uma reflexão acerca da relação linguagem/praxia, discutindo-se a avaliação de praxias realizada nos testes neuropsicológicos com sujeitos cérebro-lesados afásicos. Estes procedimentos são usados como instrumentos de diagnóstico, sendo baseados em scores a partir dos resultados obtidos, o que muitas vezes leva a crer que os sujeitos não compreendem as instruções pedidas.

Diante disso, a principal questão levantada por esse estudo é mostrar que a ocorrência da apraxia com a afasia se faz presente justamente pelo fato de existir linguagem envolvida e não necessariamente por problemas de movimento, já que a solicitação é quase sempre feita verbalmente.

SUMMARY *The Neurolinguistics based on a discursive conception of language is today an important field for investigation in cognition research, including Physiotherapy.*

The author reflects about the relationship between language and praxia, discussing the apraxia assessment in neuropsychological test batteries for aphasic subjects. These procedures, employed as diagnostic aids, are based on the results of the scores obtained, what may show that sometimes the subjects do not understand the instructions.

The aim of this study is to show that apraxia occurring together with aphasia is a consequence of language involvement and not as a consequence of movement impairment, because the tests instructions are usually verbal.

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 30 de março de 2000, sob orientação da Prof^ª Dr^ª Maria Irma Hadler Coudry.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho procurou-se discutir o fenômeno da apraxia em sujeitos cérebro-lesados afásicos a partir de uma perspectiva teórica que assume a linguagem como um trabalho, uma atividade permeada pela inter-relação entre os sujeitos afásicos e não afásicos. Nas palavras de Franchi (1977/92, p.11), referindo-se à linguagem: *“Esta se situa em relação ao seu uso social, aberta aos fatores que a condicionam e determinam na interação dos interlocutores em suas relações com o mundo e a cultura”*.

Este estudo foi motivado pelas dificuldades encontradas por fisioterapeutas (profissão na qual a autora atua há 13 anos) em lidar com pessoas afásicas, tanto para avaliá-las quanto para delas tratar. Dificuldades que, ao longo do processo de formação em Linguística, transformaram-se no interesse, cada vez maior, em compreender fatos e situações ocorridas na clínica fisioterapêutica.

Dessa forma, não foram utilizados dispositivos teóricos que concebem a linguagem sob um viés estruturalista, que a vê como um sistema inflexível e estruturado a partir de níveis e que concebe a idéia de sujeitos como falantes com competência ideal. Faz-se referência aqui a um determinado estruturalismo lingüístico que postula a língua como um objeto homogeneamente estruturado, passível de ser separado em partes, cada vez mais elementares, até se esgotarem todas as possibilidades do objeto. Segundo Possenti (1995, p.20), *“(...) a língua não é uma estrutura, uma superfície plana, um objeto perfeito cujo funcionamento poderia ser calculado independentemente dos fatores que o afetariam apenas em determinadas condições”*.

Integrando várias formas de interação entre língua/discurso, linguagem/cognição, sujeito/práticas sociais, inspirada nos trabalhos de Bakhtin (1929/95), Coudry (1986/96) e Possenti (1986/88), entre outros autores, esta pesquisa considera os níveis lingüísticos e suas interfaces no funcionamento discursivo da linguagem.

Essa perspectiva ajuda a pensar questões lingüísticas e neurolingüísticas referentes às apraxias, e sua relação com a linguagem, em quadros afásicos.

A *apraxia* tem sido estudada como um dos fenômenos clínicos mais encontrados em sujeitos cérebro-lesados com afasia. Esta, por sua vez, remete a vários aspectos e processos afeitos à linguagem. Mas qual a relação da apraxia com a linguagem?

Desde os primeiros relatos feitos por Liepmann, que datam do início deste século, citados por Hecaén & Rondot (cf. ROY, 1985), a apraxia tem sido estudada como uma alteração na realização do gesto em sujeitos cérebro-lesados. Sua descrição, manifestação e avaliação evidenciam uma relação de semelhança, em termos neuroanatômicos, com a afasia. A literatura neuropsicológica tradicional tematiza a apraxia sem descrever a atividade práxica enquanto manifestação normal do gesto; ao contrário, indica sua *falta, desvio, déficit*, itens sempre projetados no

eixo da *anormalidade*. O gesto em sujeitos cérebro-lesados tem sido, pois, avaliado e analisado na forma de suas manifestações patológicas. Os protocolos de avaliação de apraxias são construídos seguindo uma hierarquia (ou escala) *patológica*, procurando exibir as dificuldades provocadas pela lesão e as conseqüentes alterações que podem acometer essas pessoas, quando lhes é pedido para realizar ações sob instrução verbal.

Essa visão não apresenta quase nenhuma referência à práxis humana, nem à gestualidade, ou seja, não considera como se constitui a construção desse processo do desenvolvimento lingüístico-cognitivo e tem como ponto de partida a própria patologia entendida como alteração.

A Psicologia representada nos trabalhos de Vygotsky, Wallon, Piaget e a Neuropsicologia nos de Luria fundamentam a importância do *processo* no desenvolvimento da cognição, em que o movimento transforma-se em *práxis* ou em atividade simbólica. Na primeira parte da obra *A formação social da mente*, de Vygotsky (1934/94), encontram-se explicações a respeito do desenvolvimento da percepção, da atenção, da memória, do pensamento, do papel do instrumento e do sistema simbólico na internalização de funções psicológicas superiores, nas quais se baseiam as diversas análises comparativas de dificuldades práxicas em adultos.

A afasia pode afetar a gestualidade construída culturalmente. Tal como a linguagem, a gestualidade e também a percepção se constroem a partir de ações dirigidas ao outro, da relação do sujeito com o mundo exterior e, principalmente, são mediadas pela linguagem. Esse pressuposto demanda considerar a relação de continuidade entre movimento, gesto e práxis.

Sujeitos cérebro-lesados afásicos e apráxicos têm dificuldade em lidar relacionalmente com a linguagem e outros processos cognitivos simbolicamente construídos, o que significa que é possível apresentar, sob outra organização, a mediação entre a percepção e a ação nos processos simbólicos. Nessa condição, muitas vezes, fica difícil para o sujeito, sobretudo em tarefas descontextualizadas, dar sentido, planejar e executar o gesto requisitado.

O número de classificações feitas com base no modelo neuropsicológico tradicional para apraxias evidencia as confusões conceituais na formulação do termo, explicando o fenômeno ora por um aspecto, ora por outro, e sempre dissociando-o da afasia, ou apenas correlacionando-o.

A ATUAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA EM SUJEITOS AFÁSICOS

A questão crucial deste trabalho é mostrar que a co-ocorrência da apraxia e da afasia se dá *justamente* pelo fato de a *linguagem estar envolvida* e não por *um problema de movimento*. É nesse sentido que é possível interpretar muitos dos problemas de compreensão atribuídos a pacientes cérebro-lesados (não só afásicos)

como decorrentes do modo como são formuladas as instruções e os comandos verbais, por parte do fisioterapeuta.

Acredita-se que o investimento em um trabalho neurolingüístico, presente na avaliação contextualizada de praxias em sujeitos cérebro-lesados, poderia contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno da apraxia, assim como para uma melhor compreensão do quadro cognitivo geral dessas pessoas.

O fisioterapeuta que atua com sujeitos afásicos, sem dúvida, irá se deparar com alterações e dificuldades de linguagem que podem interferir na avaliação da apraxia; conhecê-las pode ter uma repercussão interessante na prática fisioterapêutica.

Mas qual seria a importância dessa mudança de atitude, especialmente em relação à Fisioterapia? O *sentido atribuído ao movimento*, ou seja, sua possibilidade de integrar diferentes *gestos e ações humanas*, colaboraria com a reorganização da atividade simbólica afetada pela afasia, que também diz respeito ao campo de atuação do fisioterapeuta.

Assim considerado, o gesto se relaciona com as possibilidades significativas socialmente construídas, papel exercido crucialmente pela linguagem, em suas diferentes possibilidades expressivas (oralidade, escrita, leitura) que também integram processos perceptivos (visual, auditivo, tátil etc.). Isso fará com que o sujeito afásico tenha melhores condições de *significar* (não por imitação e treino de atividades motoras descontextualizadas e, portanto, mecânicas) e de lidar com as dificuldades lingüísticas que se lhe apresentarem. Isso lhe possibilitaria melhores condições para compreender os comandos do investigador e a ocorrência de processos alternativos de significação, também desprezados na aplicação tradicional de testes-padrão, ou, quando muito, considerados como “erro”. É muito comum no contexto clínico-terapêutico, incluindo a Fisioterapia, o seguinte lugar-comum: um paciente com lesão no sistema nervoso não melhora. Como resposta a esse niilismo poderíamos considerar a possibilidade de que isso não seja verdadeiro se houver condições para que essa melhora ocorra.

A QUESTÃO DO GESTO E DE SUA RELAÇÃO COM A LINGUAGEM NO ESTUDO DA APRAXIA

Pretende-se trazer à tona neste trabalho uma concepção de gesto que permita entendê-lo como forma de expressão de inúmeros conteúdos e realidades simbólicos. Vinda de uma profissão constituída no interior das Ciências Médicas e da Saúde, como é a Fisioterapia, é possível entender que a formação prévia da autora seja fundamentada muito mais em conceitos fisiológicos e neurofisiológicos do que em conceitos oriundos de outras áreas do conhecimento, como o das Ciências Humanas em geral (lingüísticos, sociais, filosóficos, históricos ou antropológicos).

Por outro lado, considerando uma Neurolingüística² que entende os sujeitos cérebro-lesados como participantes do processo sociocultural a que estão expostos, é importante indicar o quanto essa perspectiva será contemplada nesta pesquisa, sem deixar de atentar para a relevância do conhecimento neurofisiológico sobre o movimento humano.

No panorama das Ciências Humanas, *o referencial é humano*, seja ele do ponto de vista antropológico, social, filosófico ou lingüístico. Sendo assim, o homem é concebido em sua manifestação humana e social. Nesse contexto o gesto é considerado em uma perspectiva social e decorre de práticas que fazem sentido para os sujeitos em questão.

Para Bakhtin (1929/1995), o gesto humano é um *fenômeno ideológico e social*. O sujeito, nessa perspectiva, constitui-se nos veios de uma organização social comprometida com suas classes e, ao mesmo tempo, na interlocução com outros sujeitos. Toda forma de significação é provocada pelo movimento social e cultural em determinadas comunidades. As mudanças e formatações decorrentes de mudanças sociais podem ser observadas na história do comportamento do homem (DEACON, 1997).

Do ponto de vista lingüístico, o gesto faz parte da atividade simbólica do homem. Sendo falante de uma língua natural, esta capacidade se torna coadjuvante em relação ao poder e papel da linguagem humana. Coadjuvante no sentido de que acompanha, preenche, pontua ou substitui a linguagem verbal, certamente ainda na busca de sentidos nos cenários de construção de significados e experiências sociais (RIBEIRO & GARCEZ, 1998).

Sendo assim, a noção de gesto como forma de significação pode ser entendida a partir da noção de interação, condição para o estabelecimento de processos significativos humanos.

Mas é claro que quando se fala em gesto logo se pensa em movimento. A noção de movimento advinda da Fisiologia não pode ser negada. A definição de gesto como ato motor foi necessária, pois só depois desta definição pôde-se chegar a tantas outras. Sem o movimento voluntário, também chamado de intencional, seria

² Refere-se à concepção teórico-metodológica desenvolvida no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, a partir de 1982, que introduz a abordagem discursiva nos estudos que relacionam linguagem e cognição. Toma-se como exemplo a citação de Morato (1999): “*É a questão do sentido, fundamentalmente, que interessa à Neurolingüística de abordagem discursiva. Assim é que ela procura dedicar-se ao estudo da heterogeneidade do uso da linguagem, à análise das interações humanas, às posturas ou gestos interpretativos dos sujeitos, ao debate em torno de universos discursivos (que arbitram, entre outras coisas, temas caros à Neurolingüística, como a questão normal/patológica, a análise de discursos considerados “intoleráveis”, a injunção ético-filosófica sobre a linguagem e a cognição), à inscrição histórico-cultural dos processos cognitivos (como memória ou a percepção), às propriedades (relacionadas ao inconsciente e à ideologia) que nos privam de um controle do sentido daquilo que produzimos ou interpretamos; à relação constitutiva entre linguagem e cognição (e aqui seguimos de perto a reflexão vygotkiana)*” [ibid., p.20].

impossível fisiologicamente alcançar qualquer forma de comunicação, ou seja, qualquer forma de sentido.

Inúmeros estudos sobre o movimento humano, fundamentados em bases neurofisiológicas, foram bastante influenciados pelo behaviorismo de Sherrington e pelo uso de vários conceitos de Pavlov, no paradigma behaviorista representado por Skinner, nos Estados Unidos. Esta corrente propunha que o enfoque fundamental para o estudo do comportamento humano seria a análise das ações observáveis do sujeito. Em outras palavras, o funcionamento mental, subjetivo, humano, inobservável, não é levado em conta.

Nessa perspectiva, o princípio do reducionismo conduzia a questões de maior importância. Segundo seus representantes, os processos psíquicos limitam-se a processos fisiológicos elementares, o que reduz o comportamento humano a uma conduta de reflexos condicionados ou hábitos.

A posição de Luria (1987) a respeito do determinismo behaviorista incide sobre o fato de que os estudiosos da teoria mecanicista compreenderam *superficialmente* (grifo da autora) a teoria dos reflexos condicionados proposta por Pavlov, e a transportaram diretamente para o estudo dos processos superiores, analisando todos os fenômenos da atividade consciente, incluindo os atos voluntários, sob a ótica de reflexos condicionados. Essa visão, também compartilhada pelos behavioristas norte-americanos, reduziu o comportamento humano a reações instintivas e inatas, não atribuindo nenhuma forma de especificidade ao ato voluntário que o diferencie de outras formas mais elementares de comportamento.

Segundo palavras de Luria, essa concepção – “(...) *implica em abandonar o próprio conceito de ato voluntário e resulta tão inaceitável como a concepção idealista que, reconhecendo o ato voluntário livre, negava-se a explicá-lo cientificamente*” (LURIA, 1987, p.94).

A teoria desenvolvida por Vygotsky sobre a organização do ato voluntário, baseada no desenvolvimento lingüístico da criança, fornece bases fundamentais para o desenvolvimento da psicologia científica, na qual Luria busca fundamentação. Segundo esse autor, ... “*é indispensável sair dos limites do organismo e examinar como os processos voluntários se formam no curso do desenvolvimento da atividade concreta da criança e de sua comunicação com os adultos*” (LURIA, 1987, p.94).

Muitos dos postulados lurianos indicam um importante grau de relacionamento entre processos de natureza sensorial e a motricidade, bem como entre motricidade e atividade simbólica, fundamentando a noção de *continuidade sensório-motora*, em vez de interpretá-las como dissociadas.

Albano (1990) indica o percurso da *continuidade sensório-motora* no processo de aquisição e desenvolvimento do nível fonético-fonológico da linguagem. A autora refere-se a esse tema citando-o como a principal tese de seu livro *Da fala à linguagem tocando de ouvido*, qual seja, em suas palavras: “*de que a linguagem se constrói a partir das condutas sensoriomotoras neurofisiologicamente mais*

plásticas, isto é, mais capazes de se interligar a outras condutas sem perder a própria autonomia, a saber: a vocalização/audição e, alternativamente, na surdez, a gesticulação/visão” (ibid., p.19).

Explicitando a idéia de continuidade entre os sistemas sensorio e motor na criança, a autora deixa claro que não se trata de uma redução fiscalista igualar o lingüístico à fonologia, os demais componentes da gramática à vocalização vegetativa e expressiva ou, ainda, o gesto lingüístico à mera gesticulação. Segundo ela “trata-se, sim, de mostrar que certos conhecimentos mais antigos, emergidos no interior desses sistemas, podem integrar-se a outros e reorganizar-se progressivamente a partir do momento da descoberta da linguagem” (ibid., p.20).

Mas é de fato a obra de Efron (1972), obra importante sobre gesto, que contribui de forma peculiar para a compreensão das relações interacionais e gestuais.³

Porter (in BURKE,1991/92), no texto *A história do corpo*, reitera a importância, para o conceito de gesto, da cultura na relação mente/corpo. *A busca da história do corpo não é, portanto, somente uma questão de triturar as estatísticas vitais sobre o físico, nem apenas um conjunto de métodos para a decodificação das “representações”.* É antes um chamado para a compreensão da ação recíproca entre os dois. No mundo, quando surpreendemos o olhar superior do rico sobre o pobre, este gesto era tanto físico como simbólico; os “nobres” (acima de tudo, suas “altezas”) eram tipicamente centímetros mais altos - uma vantagem ainda aumentada pelos trajes imponentes - vestuário e adereços - com que se permitiam adornar seus corpos (ibid., p.301). É nesse mesmo sentido que se interpreta a contribuição desse autor em termos da relação corpo/espaco físico e social. Analisando documentários casuais de rua, da época vitoriana, percebeu que a linguagem do corpo e o espaco social estavam aí registrados à semelhança do que Goffman (1968) chamou de *apresentação do ser* (linguagem corporal, gestos e a apropriação do espaco físico).

Faz sentido pensar que a linguagem, em sua função reguladora, organiza as formas de apreensão do mundo exterior para, assim, organizar a função práxica (também denominada de *practo-gnósica* ou *prático-gnósica*).

A função *practo-gnósica* é elaborada através de processos perceptivos, como a representação da imagem corporal, fatores sensitivos aferenciais e experiências cinestésicas e artrestésicas que fornecem as sensações proprioceptivas da postura e do movimento, bem como dos processos *práxicos*, como o início, o desenvolvimento e o fim do gesto, que representam uma seqüência motora organizada no tempo e no espaco e destinada a um objetivo (BERGÈS & LÉZINE,

³ Em sua obra *Gesture, race and culture*, Efron, defendendo uma teoria racial para os gestos, procurava uma resposta no escopo dessa, com a seguinte pergunta: “Os gestos são determinados culturalmente?” Em seu estudo, demonstrou as diferenças cinésicas e gestuais em aspectos espaco-temporais e lingüísticos marcadas fortemente pela cultura no comportamento de judeus e italianos na cidade de Nova York.

1987; LURIA, 1966). Essa função é adquirida e organizada durante toda a vida, sendo responsável por todas as formas de ações humanas significativas, ou seja, a *práxis*.

É nos pressupostos teóricos formulados por Vygotsky e Luria (1993/96; 1987), baseados nas raízes histórico-culturais, que se encontram algumas explicações para a importância da linguagem na organização de outras funções superiores. Essa teoria considera as dimensões simbólicas das atividades e interações humanas como constitutivas dos processos psíquicos superiores. Para esses autores, a origem da atividade voluntária, vista como principal característica do desenvolvimento humano, relaciona-se ao momento em que a criança passa a utilizar a própria fala para regular suas ações, caracterizando o funcionamento psíquico especificamente humano como de natureza simbólica.

Também Morato (1996) destaca o papel da função reguladora da linguagem, proposto por Vygotsky, quando o processo interpessoal das funções psíquicas da criança torna-se internalizado pela experiência social, mediada simbolicamente pela linguagem, maior expressão da interação entre a criança, o outro e o mundo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA NEUROLINGÜÍSTICA QUE NORTEARAM ESTE ESTUDO ⁴

Do ponto de vista metodológico, um dos focos para a análise de dados da atividade gestual em sujeitos afásicos direciona-se para a natureza de fenômenos práticos manifestados em situações enunciativo-discursivas, bem como em situações de avaliação desses sujeitos no acompanhamento longitudinal.

O *trabalho com e sobre a linguagem* desenvolvido no CCA⁵ insere-se na proposta discursiva de estudo da linguagem da área de Neurolingüística desenvolvida na Unicamp. Tal abordagem requer a mobilização de vários processos cognitivos (linguagem, memória, percepção, gestos, atenção, raciocínio através de inferências) culturalmente construídos e motivados pela realidade simbólica humana, expressa em práticas discursivas que relacionam ações e processos verbais

⁴ As idéias desse item fazem parte de um patrimônio comum da área de Neurolingüística da Unicamp que estão detalhadas nos relatórios (de 1997 e 1999) do Projeto Integrado em Neurolingüística *Contribuições da pesquisa neurolingüística para a avaliação do discurso verbal e não-verbal/CNPq*.

⁵ Os expedientes metodológicos que fazem parte da dinâmica de funcionamento do CCA são: registro em agenda de fatos cotidianos que merecem ser contados; leitura e comentários de acontecimentos nacionais e internacionais divulgados pela imprensa escrita e falada; atividades lingüístico-cognitivas orientadas (como a recontagem de piadas, comentários sobre charges políticas e retratos psicológicos de personagens públicos; atividades não-verbais que desencadeiam produção oral e tarefas interpretativas com discurso oral, integrando, pois, uma concepção abrangente de linguagem e de seu funcionamento.

e não-verbais com o que faz sentido do ponto de vista da sociedade e cultura da qual os sujeitos fazem parte.

O projeto de investigação da atividade gestual apresentado por esta autora e realizado no CCA teve, pois, como objetivo, a análise da relação da linguagem com o gesto como um dos aspectos que integram a relação da linguagem com a cognição.

O registro das atividades em grupo possibilitou a análise longitudinal tanto das dificuldades inicialmente observadas quanto da (re)construção de processos de significação em sujeitos cérebro-lesados, em especial daqueles relacionados com recursos e processos alternativos de significação, de que os sujeitos fazem uso para enfrentar ou superar suas dificuldades verbais e não-verbais (COUDRY, 1986/88).

O *corpus* discursivo referente a este trabalho, do ponto de vista metodológico, insere-se no que chamamos de atividades lingüístico-cognitivas⁶ por serem produzidos em meio a práticas languageiras/discursivas e operações cognitivas (como argumentação, seletividade, trabalho inferencial, pressupostos interpretativos) que relacionam linguagem/discurso, cognição e cultura. A dinâmica do CCA é produto de variadas formas e posições enunciativas dos sujeitos, da capacidade pragmática de reconhecer interlocutores e propostas discursivas, de possibilidades de manipular diferentes sistemas de referência e de (re)construção de práticas simbólicas em meio a diferentes atividades discursivas (isto é, atividades lingüísticas consideradas em sua dimensão interativa e garantidas lingüístico-cognitivamente).

A análise neurolingüística dos dados se apresenta como um domínio de interpretação do trabalho lingüístico-cognitivo realizado pelos sujeitos, dadas as condições que a língua dispõe, bem como sua relação com a exterioridade discursiva e ações humanas significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em muitos momentos foi difícil decidir qual caminho seguir, pois a confusão terminológica sobre a apraxia, inúmeras vezes, levava a crer que esse termo foi criado para explicar determinadas lesões em áreas corticais responsáveis pelo movimento e suas correlações diretas obtidas em evidências clínicas, deixando de considerar a relação dos sujeitos afásicos com sua própria gestualidade na realização de uma ação em um determinado contexto.

Por se tratar de um estudo que apresenta como um de seus principais compromissos a repercussão no trabalho de profissionais da área de Fisioterapia, fez-se necessária a inclusão da investigação sobre as praxias na atuação desses profissionais. Não é possível mais aceitar que fisioterapeutas, desde o início da sua

⁶ São exemplos dessas atividades o trabalho com a agenda, o noticiário, as atividades dirigidas como dramatização, solução de problemas verbais e não-verbais e as atividades que envolvem explicitamente memória, percepção, gesto, etc.).

formação, sejam privados dos estudos de processos cognitivos, entre eles o de praxias. Neste trabalho, não se considera que estas sejam o objeto de estudo primordial de um fisioterapeuta em termos genéricos. Também estão concernidos o estudo da linguagem e de outros processos cognitivos, como as gnosias, a memória, o raciocínio inferencial. Neste sentido, assumem-se, portanto, duas premissas que nortearam esta pesquisa, a saber, (i) uma que remete ao funcionamento complexo, integrado e dinâmico do cérebro e (ii) outra que coloca a linguagem como mediadora dos processos cognitivos.

Pode-se dizer que a apraxia é um problema de áreas motoras corticais. Os dados sobre SI (um dos sujeitos que fizeram parte do estudo) demonstraram que existem problemas de ordem cinestésica e da organização do esquema corporal na realização de ações, o que Luria (1977/95) denominou de apraxia cinética. Para isso, consideram-se os itens que visam a avaliar as capacidades motoras em seus aspectos cinestésicos para a realização de uma ação ou gesto, assim como aqueles que visam a avaliar as gnosias, representados em todas as formas de sensibilidade e percepção. Todo esse conjunto deve ser detalhado nos instrumentos de avaliação de praxias em sujeitos afásicos para que os problemas práticos sejam *efetivamente identificados* e não *confundidos*, por um lado, com o que pode ser 'normal', dada a descontextualização que caracteriza a avaliação das praxias, em geral, e, por outro, com outras possíveis alterações de ordem motora.

Pode-se dizer, ainda, que a distinção entre apraxias ideomotoras e ideatórias não se justifica nos procedimentos de avaliação e muito menos nos de intervenção. Neste aspecto, a confirmação diagnóstica de áreas cerebrais atingidas não se sustenta como prática, já que os níveis de ideomotricidade, envolvidos na realização ou execução e ideação ou planejamento, são indissociáveis quando se *realiza* determinada ação.

É interessante destacar que a experiência com o trabalho de teatro dirigida pelo pesquisador José Amâncio Rodrigues Pereira (Jrt), de onde derivam dados do *corpus*, repercute na vida e na história dos sujeitos. O exercício constante, que explora possibilidades criativas dos sujeitos, com realidades simbólicas, percepções e imagens de diversas naturezas (enunciativas, visuais, cinestésicas, auditivas, olfativas, gustativas, proprioceptivas), auxilia lidar com a vida. E nesse sentido pode ser terapêutico.

Pensando dessa forma, considera-se que os protocolos neuropsicológicos tradicionais que avaliam as apraxias não deveriam servir a tantas divisões, dicotomias e taxonomias, não deveriam desconsiderar o contexto em que se produzem e se interpretam gestos, mas sim partir das possibilidades práticas dos sujeitos que avaliam.

Para tanto, propõe-se, ao longo deste trabalho, um caminho para a investigação de praxias em sujeitos afásicos e para elaborações de versões protocolares, baseado nos métodos de avaliação propostos por Luria e adaptados por Christensen e nos princípios teórico-metodológicos da pesquisa neurolínguística desenvolvida na

Unicamp. A visão enunciativa da linguagem, tal como se apresentou nesta pesquisa, conjuga-se ao método acima referido integrando-o a uma avaliação contextualizada que faça sentido para os sujeitos em questão.

O trabalho realizado nas atividades teatrais, bem como o de outras dinâmicas desenvolvidas no Centro de Convivência de Afásicos, desperta a atenção para a existência de uma avaliação e de uma intervenção baseadas em princípios enunciativo-discursivos. Neste trabalho, os sujeitos são convocados a fazer uso de suas vivências socioculturais colocando, pois, em prática sua experiência prática: contexto propício para avaliar as (a)praxias. Também neste trabalho a relação da linguagem com a gestualidade leva em conta realidades simbólicas e possibilidades de expressão dos sujeitos em diferentes situações.

Trata-se de dados *discursivamente informados*. Existe uma construção conjunta do sentido, por parte dos sujeitos afásicos e dos sujeitos não-afásicos, possibilitadas pela interlocução e pelas situações de convivência que a dinâmica do CCA proporciona. Esta condição é justamente o fator que mobiliza a reorganização de processos lingüístico-cognitivos, nos casos de patologias cerebrais. Isto faz com que aos sujeitos afásicos se apresentem as mesmas possibilidades de expressão e interpretação de sentido que aos sujeitos não-afásicos.

Espera-se ter mostrado neste trabalho a importância de se considerarem na avaliação da (a)praxia as relações entre linguagem e praxia, por meio de atividades inseridas em realidades simbólicas discursivamente informadas, ou seja, daquelas que fazem sentido para o sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO, E.C. (1990). *Da fala à linguagem tocando de ouvido*. São Paulo: Martins Fontes.
- BAKHTIN, M. (1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BERGÈS, J. & LÉZINE, I. (1987). *Teste de Imitação de Gestos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BURKE, P. (org.) (1991/92). *A escrita da História- novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP.
- CHRISTENSEN, A.E. (1987). *El diagnóstico neuropsicológico de Luria*. Madrid: Gráficas Muriel S. A.
- COUDRY, M.I.H. (1986/96). *Diário de Narciso- discurso e afasia*. Martins Fontes: São Paulo.
- DEACON, T.W. (1997). *The symbolic species - the co-evolution of language and the brain*. New York: Norton.
- EFRON, E. (1979). *Gestures, race and culture*. New York: NY Press.
- FRANCHI, C. (1977/92). Linguagem - atividade constitutiva. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 22, pp.9-39.

- GERALDI, J.W. (1990). *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- GOFFMAN, E. (1968). *Stigma, notes on the management of spoiled identity*. Oxford: Harmondsworth.
- _____. (1987). *Pensamento e linguagem - as últimas conferências de Lúria*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (1977/95). *Las funciones corticales superiores del hombre*. México, DF: Fontamara.
- MORATO, E.M. (1999). A fasia e heterogeneidade discursiva. In: *Investigando a linguagem*. (Org.) CABRAL, Loni Grimm & MORAES, José. Florianópolis: Ed. Mulheres, pp.287-95.
- _____. (1996a). *Linguagem e cognição - as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus.
- _____. (2001). Neurolingüística. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A.C. (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. Cap. 5, vol. 2 São Paulo: Cortez Editora.
- POSSENTI, S. (1986/88). *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1995). Língua: sistema de sistemas. In: *Temas em neuropsicologia e neurolingüística* nº 4. São Paulo: SBNp.
- RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P.M. (1998). *Sociolingüística interacional*. Porto alegre: AGE.
- ROY, E.A. (1985). *Neuropsychological studies of apraxia and related disorders*. Amsterdam: North-Holland.
- VYGOTSKY, L.S. (1934/93). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1934/94). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.
- VYGOTSKY, L.S. & LURIA, A.R. (1930/96). *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.